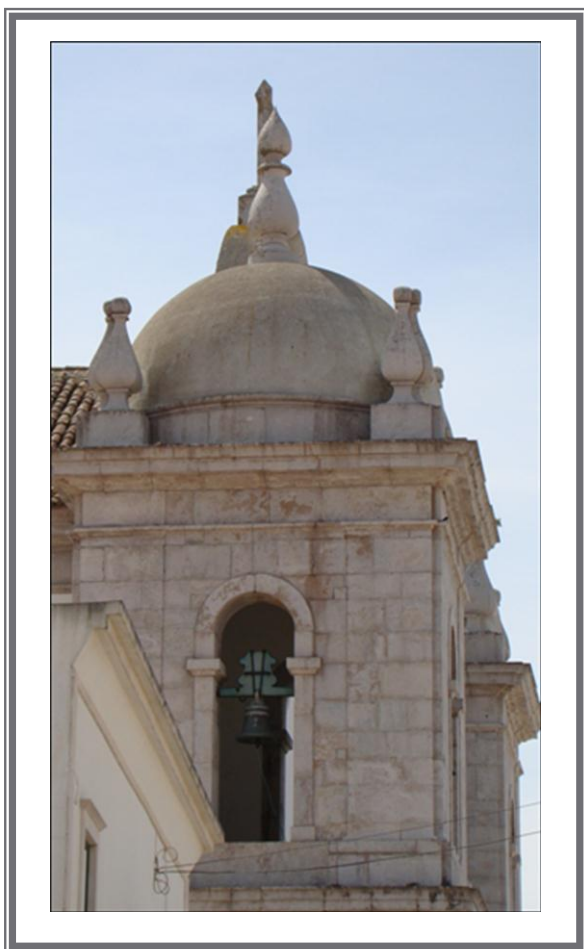


IGREJA DE N^a S^a DA CONCEIÇÃO

NOTA HISTÓRICA



(I.I.P. - Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 44 452, DG 152 de 05 Julho 1962.)

Originalmente designada por Real Capela de N.ª. Sr.ª da Conceição, teve o início da sua construção em 1694.

A igreja foi construída no local de uma antiga ermida, devido ao milagre ocorrido nesta no dia 19 de Maio de 1693. Segundo relatos documentados, nessa ermida existia uma imagem de Nossa Senhora com o menino nos braços, que estava danificada e velha e que por isso, decidiu-se trocar por uma imagem nova. Segundo as descrições da época, no momento de fazerem a substituição, a imagem velha começou a “suar e a lançar lágrimas”.

O acontecimento rapidamente se difundiu, tornando-se a ermida pequena para acolher tantos peregrinos. Começam a surgir donativos para a construção de um templo maior:

- De 19 de Maio de 1693 a Julho de 1694 deram de donativos 845.920 reis.
- Ano de 1695 – 626.210 reis
- Ano de 1696 – 1.408.94 reis
- Ano de 1697 – 1.230.220 reis
- Ano de 1698 – 961.864 reis

UMA VISITA ILUSTRE

Em 26 de Maio de 1696, a Rainha de Portugal, D. Maria Sofia Isabel de Neuburg (mulher de D. Pedro II), veio cumprir um voto à N.ª. Sr.ª, tendo feito os seguintes donativos:

- A quantia de 300.00 Reis em moedas
- Um fio com vinte e nove pérolas com um remate em “diamantinhos foscos que tem trinta e nove engastados em ouro”, com a condição de nunca serem vendidos e ficarem sempre postos na imagem de Nossa Senhora da Conceição.
- Um frontal de brocado de França com bordados em seda e ouro.
- Cazula e paramentos bordados a ouro.
- Uma pregadeira de 81 diamantes.

DESCRIÇÃO ARTÍSTICA – EXTERIOR

Trata-se de um templo que corresponde ao início do Barroco em Portugal, atribuído ao arquitecto da Casa Real João Antunes.

A **frontaria (1)** é composta por duas pequenas e simétricas **torres de cúpulas (2)** que terminam em **fogaréus (3)**. Estas torres são ligadas por um conjunto de **arcos (4)** de três vãos, a que se dá o nome de **galilé (5)**.

A fachada da igreja é composta por três **janelões de Coro (6)** e acima desta por um **óculo de iluminação (7)**. A **empena (8)** é recortada por um conjunto de curvas e contra-curvas, próprias do estilo barroco.

O ritmo da frontaria é dado sobretudo por uma **gola (9)** de pedraria que corta o **frontão (10)** por cima do óculo, dando ao edifício um conjunto de níveis irregulares, que são realçados pelo branco das paredes caiadas.



GLOSSÁRIO

(1) – **Frontaria:** fachada principal

(2) – **Cúpula:** abóboda hemisférica, pode ser erguida sobre vários planos, neste caso são quadrados. Os romanos foram os primeiros a construir cúpulas (séc. I d.C.).

(3) – **Fogaréus:** ornamento de pedra esculpido em forma de vaso ou urna, terminando por linhas onduladas, a imitar línguas de fogo. Decora os ângulos superiores das frontarias de certas igrejas e é simbolo de fé, devoção ou sacrifício.

(4) – **Arcos:** elementos de construção de forma curva, assente em colunas. Os arcos podem ser de vários tipos, neste caso são arcos de volta perfeita.

(5) - **Galilé:** pórtico ou recinto coberto, sobre pilares ou colunas, que acompanha a fachada principal de uma igreja em toda a sua largura ou contornando-a como nesta igreja.

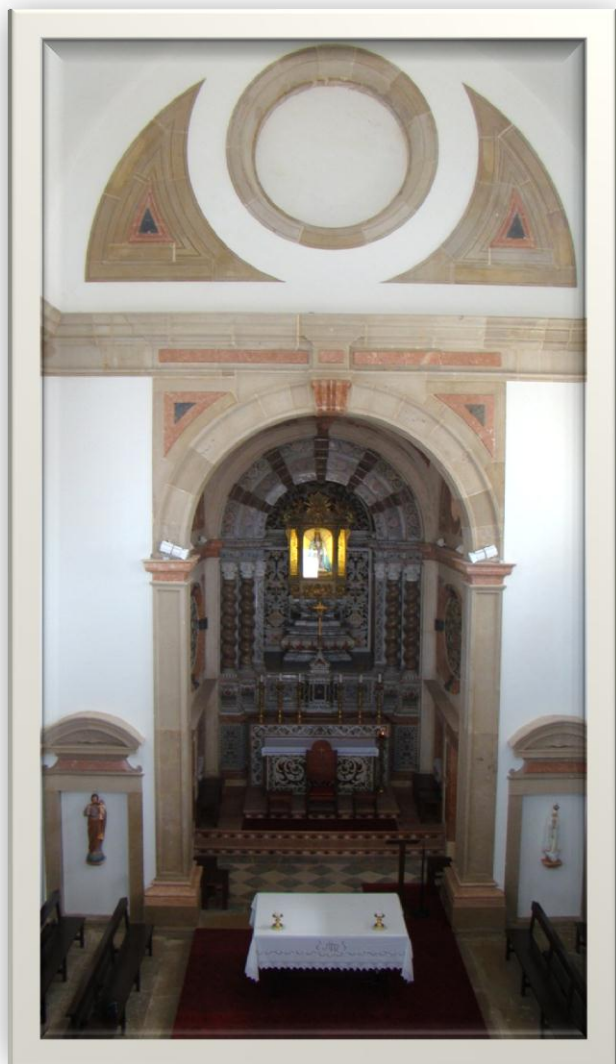
(6)

(7) **Óculo:** janela redonda ou oval a meio de uma fachada da igreja ou sobre as portas e partes altas das paredes para iluminar ou arejar o interior. Em certas épocas dá-se o nome de rosácea (estilo gótico), como é o caso da igreja de S. Leonardo.

(8) - **Empena:** parede de um frontão ou edifício que termina acima do forro.



DESCRIÇÃO ARTÍSTICA – INTERIOR



O interior da igreja é de uma só nave abobadada, com muita iluminação.

A capela-mor é forrada inteiramente de mármore desde as colunas até aos medalhões das paredes laterais e ao tecto, com incrustações de rosa, branco, amarelo, vermelho e negro, os motivos decorativos são na sua maior parte geométricos.

Nesta igreja denota-se uma grande influência do barroco italiano através da grande utilização do mármore nos elementos decorativos da igreja, característica pouco usual no barroco português, uma vez que neste se utilizou mais a talha dourada.

Com mármore da Arrábida são de assinalar as originais pias de água benta em forma de concha assim como os dois púlpitos das paredes laterais.

No altar encontra-se, dentro de uma maquineta de talha dourada, a imagem seiscentista da padroeira.

UMA RAINHA DE PORTUGAL EM ATOUGUIA

D. Maria Sofia Isabel de Neuburg

“Parecia santa, como senão fosse Rainha, ao mesmo tempo, que se mostrava Rainha, como se não parecesse santa”

Corria o ano de 1696 quando, no dia 26 de Maio, a vila de Atouguia recebia a visita ilustre da Rainha de Portugal D. Maria Sofiaⁱⁱ. Esta rainha ficaria associada para sempre à *Real Capela*, hoje conhecida por Igreja de N^a Senhora da Conceição tendo contribuído com uma significativa esmola em dinheiro para as obras de construção da Igreja e ainda jóias preciosíssimas, brocados e paramentos. De tal forma foi determinante o envolvimento da rainha e a sua dádiva para a conclusão da Igreja que esta passou para o padroado real, cuja tutela dependia da *Casa das Rainhas de Portugal*.

Torna-se assim ainda mais interessante conhecer a biografia desta Rainha, que foi segunda esposa do rei D. Pedro II de Portugal.

De nacionalidade alemã o seu nome Marie Sophie Elisabeth von Neuburg, conhecida em Portugal como Maria Sofia Isabel de Neuburg. Nasceu no Castelo de Benrath, próximo de Dusseldorf, a 6 de Agosto de 1666. Filha do eleitor palatino do Reno, Filipe Guilherme de Neuburg e de Isabel Amália. Era irmã da rainha de Espanha, Maria Ana, segunda esposa de Carlos II. Entre os seus antepassados contavam-se o imperador Fernando I e o rei Cristiano II da Dinamarca.



O rei de Portugal D. Pedro II, após ter enviuvado e ser pai de apenas uma filha, vai iniciar o processo de procura de noivas pretendentes ao segundo enlace, os dados recolhidas por conselheiros régios, apontaram para a pretendente Maria Sofia de Neuburg de 22 anos de idade, e após levantamento de informações sobre o estado de saúde da noiva e da predisposição do pai desta para realização do enlace, foi assinado o contrato matrimonial a 22 de Maio de 1687, tendo logo no dia 1 de Julho o embaixador pedido oficialmente a mão da princesa, doravante chamada rainha de Portugal. No dia seguinte celebrou-se a boda por procuração, em Heidelberg.

Maria Sofia Isabel partiu rumo a Lisboa a 5 de Julho, entrando no Tejo a 11 de Agosto de 1687, onde D. Pedro II, ricamente vestido e ataviado a foi buscar à embarcação britânica, usando um bergantim dourado para o transporte.

Após o casamento a rainha passou a usufruir da *casa e estado das rainhas* que abrangia os senhorios de várias vilas, como por exemplo Silves, Sintra e Óbidos, para além de diversas

rendas e benefícios eclesiásticos.

Deste casamento vão nascer sete filhos, entre eles o futuro rei D. João V. O primeiro filho, também João nasceu após o primeiro ano de casamento, vindo a falecer 18 dias depois, abafado em roupa, uma vez que as amas alemãs trazidas pela rainha não perceberam a diferença entre o tórrido Agosto português e o fresco verão germânico. Um ano após essa ocorrência, nascia outro João – o futuro rei *magnânimo* D. João V.

Cerca de seis meses após o último parto, a rainha falecia. Sobre a causa de morte existem dois testemunhos díspares : uma que refere que a rainha morreu devido a uma “ furiosa erisipela, que lhe tomou o rosto e a cabeça, com sintomas muito perigosos, a que se seguiu febre, sonolência e delírios”ⁱⁱⁱ. E outra que refere que” a sua doença teve origem na perfuração de um nervo quando lhe tentavam coser a orelha que se rasgara por causa do peso dos brincos que usava, que teria originado *uma inflamação que lhe deu febre na cabeça e um fluxo intestinal que lhe causaram a morte*”^{iv}.

Com a doença rapidamente a rainha entrou numa agonia, manifestando-se num delírio acompanhado de uma extrema debilidade e fastio. D. Pedro II ordenou que o reino rogasse pela rainha moribunda. Por toda a cidade de Lisboa se assistiu a inúmeras procissões, e o próprio rei e os filhos se dirigiram várias vezes à Igreja de S. Roque descalços para orar pela rainha.

A morte da rainha causou grande impacto tanto no reino como no estrangeiro. Por todo o país se fizeram exéquias e se carpiu ao gosto barroco da época. Embora as fontes históricas o não alicercem, certamente também em Atouguia se terá chorado a morte daquela benfeitora, a qual, se não tivesse prematuramente abandonado o reino e a vida, teria tido oportunidade de enriquecer ainda mais o templo que aqui tão devotamente apadrinhou.

ⁱ LUZ, Frei Vicente da, *Sermam em as Exequias de Serenissima Rainha de Portugal D. Maria Sofia Isabel de Neoburg[...]*, Lisboa, António Pedroso Galvão. 1709, p. 10.

ⁱⁱ A Rainha andou em peregrinação durante 3 semanas e passaria também por Nazaré, Alcobaça e Batalha

ⁱⁱⁱ SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, pág.418. Cit por, BRAGA, Paulo Drumond, *Uma Rainha de Portugal no Tempo de Vieira*, in Actas do 3º Centenário da Morte do Padre António Vieira, Vol. I, Braga, Univ. Católica, 1999.

^{iv} Segundo im capuchinho francês que esteve em Portugal na altura da morte da Rainha, TOURS, Francois de, “ Itinerários em Portugal”, 1699